

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 2 Maio - Agosto 2025

Dossiê: Arqueologia Histórica dos Grupos Indígenas no Litoral Sudeste

ARTIGO

AS CONTAS DE ESCAMBO DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XVI

Jeanne Cordeiro*, Angela Buarque**, Alice Táboas***

RESUMO

Este artigo aborda alguns resultados de pesquisas realizadas no centro do Rio de Janeiro e na Região dos Lagos, sudeste do Estado. Baseia-se na análise das contas de vidro remanescentes do escambo praticado entre grupos Tupinambá e europeus, sobretudo franceses, durante o século XVI. Tem como objeto a materialidade recuperada nos sítios Serrano, Barba Couto, Araruama, Primeiro de Março 37, Rosário 26 e Rosário 30.

Palavras-chave: Encontros Coloniais; Arqueologia histórica; Arqueologia do colonialismo.

* Mestre em história, arqueóloga e historiadora no Laboratório de Arqueologia Brasileira (LAB).
E-mail: jeanne.cordeiro@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9360-9581>

** Doutora em arqueologia e pesquisadora colaboradora no Departamento de Antropologia, Museu Nacional (UFRJ). E-mail: bruarque.angela@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2412-3430>

*** Arqueóloga e historiadora no Laboratório de Arqueologia Brasileira (LAB).

E-mail: mariaartaboas@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0619-2253>

THE TRADE BEADS IN RIO DE JANEIRO IN THE 16TH CENTURY

ABSTRACT

This study discusses some results of research carried out in the Center of Rio de Janeiro and in the Lakes Region, in the southeast portion of the state. It analyzed glass beads remaining from the barter practiced between Tupinambá groups and Europeans, especially the French, during the 16th century. Its object involves material recovered from the Serrano, Barba Couto, Araruama, Primeiro de Março 37, Rosário 26, and Rosário 30 sites.

Keywords: Colonial encounters; Historical archaeology; Archaeology of colonialism.

CUENTAS DE PERMUTA DE RÍO DE JANEIRO EN EL SIGLO XVI

RESUMEN

Este artículo aborda algunos resultados de investigaciones realizadas en el centro de Río de Janeiro y en la región de Lagos, sureste del estado. Se basa en el análisis de cuentas de vidrio remanentes de permuta practicada entre los tupinambás y grupos europeos, especialmente los franceses, durante el siglo XVI. Su objeto es la materialidad recuperada en los sitios Serrano, Barba Couto, Araruama, Primeiro de Março 37, Rosário 26 y Rosário 30.

Palabras clave: Encuentros coloniales; Arqueología histórica; Arqueología del colonialismo.

INTRODUÇÃO

A percepção da invasão europeia por meio da materialidade demanda um conhecimento ainda em construção. Falta-nos domínio da produção manufaturada entre os séculos XIV e XV na Europa, na qual ainda tropeçamos sempre que nos debruçamos sobre sítios do século XVI no litoral brasileiro. Tema complexo devido à sua diversidade, com características muitas vezes restritas a guildas locais, como as de armadores, vidreiros, ceramistas e ferreiros. Dito isso, resta-nos reunir fragmentos de peças vítreas, metálicas e cerâmicas, e mergulharmos na busca de alguma compreensão. Nesse sentido, é imprescindível conhecer os remanescentes para construir as bases para estudo, “pôr na bancada” e, posteriormente, teorizar sobre um século ainda a conhecer. Entendemos que somente com a análise efetiva da materialidade será possível construir o mínimo de conhecimento sobre esse século de grandes “viradas” (Chaunu, 1976, p. 108), que se deram para europeus e para nativos, em especial os que se encontravam no futuro território brasileiro. Como teorizar sobre o que ainda parcialmente se esboça?

Os estudos realizados para as Américas espanhola e inglesa oferecem panoramas profundamente diversos daquele encontrado no Brasil. As experiências coloniais se baseiam em agentes (nativos e europeus) radicalmente distintos e, por isso, em grande medida, não nos fornecem parâmetros locais e históricos comparáveis, sendo eventualmente apenas os cronológicos compatíveis. Insistimos na adequação é desconhecer que o comportamento colonialista espanhol, inglês, francês e português são eivados de diferenças de abordagens e intenções nas colônias que pretendiam implantar.

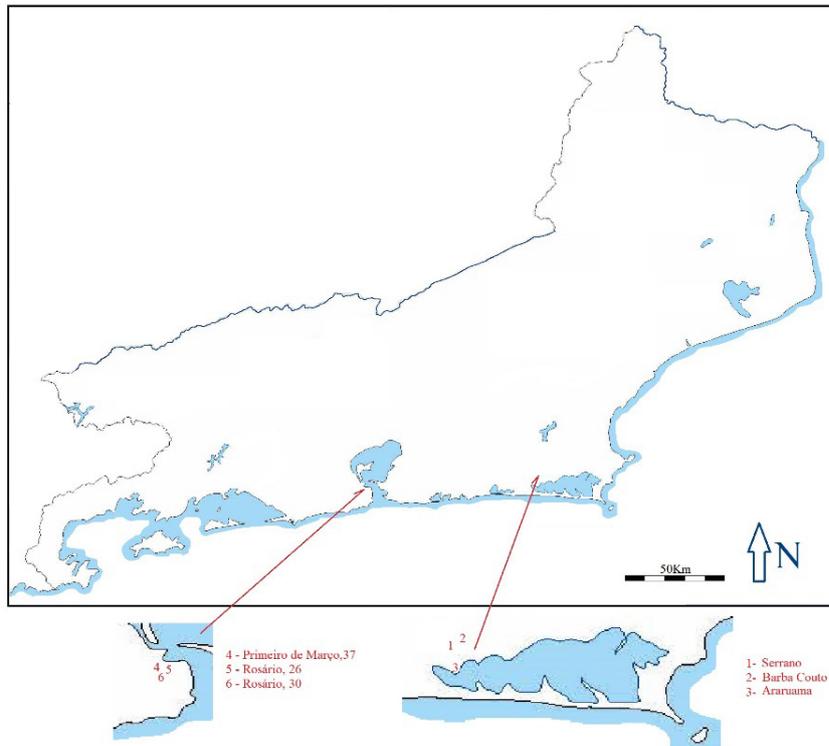
Por outro lado, a densa ocupação pela qual passaram os espaços mais conhecidos durante os Quinhentos (litoral de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro) provocou a destruição de importantes sítios do período. Perguntamo-nos quanta materialidade foi dispensada de análise pela falta de compreensão, ainda que tenha sobrevivido às condições pós-deposicionais, ou pelo excesso de foco dos profissionais nas sociedades nativas que estudavam, independentemente de quais fossem elas.

Assim é com as contas de vidro, objetos de raros estudos na arqueologia brasileira, cuja primeira referência para os sítios de contato se dá em Uchôa, Scatamacchia e Garcia (1984). As contas estão presentes desde a chegada de Colombo às Américas, em 1492. Foram consideradas produtos importantes para fins de comércio com as populações nativas desde o início da invasão europeia, mas nem todos os exploradores as traziam para negociar. Não eram mercadoria constante em todas as listas de itens de troca (Depratter; Smith, 1987, p. 54). Durante todo o século XVI, foram largamente utilizadas, sobretudo como peças de resgate no escambo de produtos tropicais entre nativos e europeus. Evidências indicam que elas foram trazidas para o Rio de Janeiro, principalmente por franceses, para o comércio com os Tupinambá locais (Cordeiro; Buarque; Táboas, 2019). Não é negada a possibilidade de trocas realizadas com portugueses, mas não há evidência material escavada nos sítios, como o da Cidade Velha (atual bairro da Urca), ou registro documental que indique essa possibilidade. Por outro lado, a presença dos portugueses no Rio de Janeiro só se efetiva a partir de uma guerra ocorrida em 1565, momento incompatível com atividades comerciais ou troca de presentes.

As contas abordadas neste estudo são provenientes de seis sítios, ilustrados na Figura 1. Serrano, Barba Couto e Araruama, localizados no município de mesmo nome, datados da segunda metade do século XVI, foram aldeias onde conviveram os nativos

e seus aliados franceses. Primeiro de Março 37, Rosário 26 e Rosário 30¹, localizados no centro do Rio de Janeiro, eram parte de um único lote. Segundo documentação histórica (Abreu, 2010), foram ocupados por nativos aliados dos portugueses e rivais daqueles da Região dos Lagos durante a guerra para conquista do território.

Figura 1. Localização dos sítios em estudo no Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: Jeanne Cordeiro.

A INVASÃO EUROPEIA E AS CONTAS DE VIDRO

Desde 1503, há registros da presença de contas de vidro trazidas para escambo. Na relação de itens para a armação do navio *L'Espoire*, capitaneado por Binot Paulmier de Gonneville, constam seis quintais de contas de vidro (Perrone-Moisés, 1992, p. 18), o que equivale a aproximadamente 352 quilos. Esse produto manufaturado se incluía diretamente no sistema paleomonetário praticado pelas populações nativas (Gonçalves; Gomes; Gomes, 2020, p. 1818).

Segundo Léry (1980, p. 119), pelo fato de gostarem de adornos, “achavam lindas as pequenas contas multicores de vidro que havíamos levado em grande quantidade para traficar; chamavam-nas *moruhí* e com elas faziam colares”. Quando os *truchements*, marujos comerciantes franceses, iam às aldeias, ou os nativos iam a seu encontro, levavam frutas e alimentos para serem trocados por contas de vidro. “*Mair, deagotoren amabé morubí*, o que quer dizer: francês, tu és bom, dá-me os braceletes de contas de vidro” (Léry, 1980, p. 119-120).

¹ Os sítios Primeiro de Março 37, Rosário 26 e Rosário 30 foram estudados entre 2014 e 2016 e compõem parte da tese de doutoramento em preparação, no Museu Nacional (UFRJ)

Em Thevet (2018, p. 213), encontramos situação inversa, a exportação destas contas. Havia aquelas produzidas por nativos e levadas à França.

As contas de rosário, que se vendem atualmente em França, quase tão brancas quanto o marfim, procedem das regiões americanas e são os próprios indígenas que as fabricam. São transportadas pelos marinheiros, que as adquirem por preços vis. E, quando começaram a ser usadas em França. Acreditava-se tratar do coral branco; só depois se viu que a matéria de que são feitas é a porcelana. É permitido benzê-las, assim o queira o dono.

Contudo, apesar da importância desses itens na principal atividade comercial praticada durante o século XVI, há inúmeros problemas ao abordá-los. Por um lado, retornamos à questão dos sítios de datação correlata, pouco escavados e pouco documentados; por outro, a maior parte dessa atividade ou não foi registrada pelos cronistas, ou as fontes históricas oficiais caíram no limbo. Em Gonçalves, Gomes e Gomes (2020, p. 1823), encontramos informações de exportação de contas na cor âmbar de produção veneziana ou francesa, em fins dos séculos XVI e XVII, para Portugal. Contudo, os autores não se referem à América do Sul; seus exemplares estudados são provenientes de Portugal, África e México.

Há diversos problemas para a construção de uma sequência cronológica de produção e distribuição de contas para o século XVI nas Américas. Com algum grau de confiabilidade é possível periodizar os tipos Nueva Cádiz e Chevron. Segundo Smith (1983, p. 147), há poucos locais pesquisados e bem documentados, como o sítio Nueva Cádiz, na Venezuela, ocupado entre 1509 e 1545.

Smith (1983, p. 147), referindo-se aos sítios da Flórida, menciona que as contas, encontradas em contexto, dificilmente estão associadas a espaços com utilização para práticas definidas, como sepultamentos, por exemplo. Isso pode ocorrer devido à técnica de escavação, à perturbação pós-deposicional ou à dispersão intencional. No caso do Rio de Janeiro, isso se repete, elas são recuperadas em espaços diversos. No sítio Barba Couto, no município de Araruama (Buarque, 2009, p. 375), foram encontradas quatro centenas em contexto funerário, não ocorrendo nos demais *Loci*. No sítio Serrano, de um total de 75 exemplares, quatro eram provenientes de fogueiras que também continham restos alimentares e objetos metálicos, como anzol e lâmina de faca. No mais das vezes elas se encontram dispersas. No sítio Araruama, um exemplar foi recuperado também em área sem função específica. Ainda segundo o mesmo autor, além da diversidade dos espaços de ocorrência, o número de exemplares recuperados durante as pesquisas tende a ser bastante reduzido. As amostras em geral são pequenas e diversificadas, dificultando a construção de cronologias sólidas.

Por fim, resta a questão da procedência. Segundo Kidd (1983, p. 1-2), a expansão do Império Romano foi a maior responsável pela difusão da tecnologia de produção do vidro, principalmente nos territórios em torno do Mediterrâneo. Com sua decadência, a produção de vidros foi parcialmente abandonada, sendo revitalizada pelos venezianos após a queda de Constantinopla, em 1453. Segundo o autor, os vidreiros de Veneza produziram mudanças substantivas na manufatura, mascarando o monopólio da produção, que não se confirma historicamente. A técnica de produção do vidro foi comum, e em todas as oficinas vidreiras era possível produzir também contas. Embora se tratasse de uma produção menor, mesmo em Veneza, o número de fábricas dedicadas exclusivamente a esse produto era grande. Para abordar o comércio atlântico são preferíveis as oficinas

da Itália, França, Espanha, Alemanha, Holanda, Escandinávia e Ilhas Britânicas (Kidd, 1983, p. 2). A partir de pesquisas arqueológicas realizadas em diversas partes da Europa, foi possível localizar oficinas de produção e, conseqüentemente, obter exemplares que, mesmo fragmentados, permitiram o cotejamento entre os remanescentes.

A análise morfológica das contas recuperadas nesta pesquisa foi norteada pela classificação e nomenclatura propostas por Kidd e Kidd (2012) e Karklins (2012). Os primeiros construíram uma classificação baseada em contas provenientes do nordeste da América do Norte, iniciada com exemplares do período da invasão europeia. Ela é a única que permite uma descrição exata dos exemplares a partir de seus atributos morfológicos. É um sistema aberto, acolhendo novas categorias, novos tipos e suas variedades. Essa classificação é baseada nos métodos de fabricação, forma, tamanho, cor e diafaneidade. Também foi utilizada a classificação de Karklins (2012), que se propõe a ajustar e ampliar a proposta de Kidd e Kidd, na qual se baseia, e destina-se a uma utilização conjunta. Analisaremos aqui cinco exemplares provenientes do período entre fins do século XVI e início do XVII.

As contas Nueva Cádiz, principal tipo diagnóstico entre as contas de vidro produzidas durante o século XVI, serviram de marcador cronológico junto às contas *Chevron* facetadas.

Por ordem de grandeza, foram recuperados 49 exemplares do tipo Nueva Cádiz, 23 do tipo *Chevron*, e quatro de tipos diferenciados.

A UTILIZAÇÃO DO EXAME POR DIFRAÇÃO DE RAIOS X

A Difração de Raios X (DRX)² é uma técnica não destrutiva que analisa a estrutura cristalina de uma vasta gama de materiais, inclusive os vítreos. Para este estudo foram submetidos os exemplares ilustrados nas Figuras 2 (tipo IIIc'4), 7 (tipo IIIIm) e 9 (tipo IIIbb2). Contudo, a DRX fornece informações sobre a composição química geral das amostras, não permitindo a localização espacial dos elementos químicos. Dessa forma, ela foi adequada para o exemplar proveniente do sítio Barba Couto, composto de uma única camada.

AS CONTAS NUEVA CÁDIZ

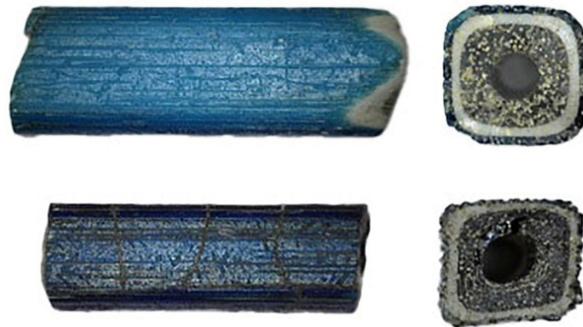
Contas do tipo Nueva Cádiz são tubulares, poliédricas, de seção transversal quadrada, sem diafaneidade, compostas de uma camada externa de cor azul-turquesa, seguida por uma ou duas camadas internas que podem ter cores variadas: transparente, azulada, preta e azul-marinho. Segundo Karklins (2012, p. 65-67) e Kidd e Kidd (2012, p. 43), estão classificadas como IIIc (tubulares retas), como as ilustradas na Figura 2, e IIIc' (tubulares torcidas), como na Figura 3. Por análise química, sua procedência é provavelmente Veneza, segundo Brad Loewen e Laure Dussubieux (2021, p. 64). Os exemplares aqui estudados são provenientes dos sítios Serrano (48) e Araruama (1), ambos considerados escalas do tráfico do pau-brasil. Os tamanhos variam entre 1,0 e 3,4 centímetros de comprimento, e entre 0,3 e 0,9 centímetros de largura. Supomos que, no caso das Nueva Cádiz, o grau de fragmentação possa ter origem não só na fratura pós-deposicional, mas na multiplicação dos exemplares disponíveis para o escambo.

² A análise das pastas de todas as amostras foi realizada por DRX, no Laboratório Multiusuário de Caracterização Tecnológica do Centro de Tecnologia Mineral, vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, por Antonieta Middea, a quem agradecemos muito.

Se o raciocínio é correto, um exemplar de cinco centímetros pode se tornar dois de 2,5 centímetros, aumentando o poder de compra ou barganha. Esse tipo de conta, cortado transversalmente, não perde suas principais características, como ocorre em outros tipos, o que, inclusive, viabiliza a continuação das trocas com nativos de outras regiões, caso do exemplar encontrado em um sítio Tupi, situado no vale do Rio Doce, que chegou a nosso conhecimento por gentileza de Jacqueline Rodet.

As Nueva Cádiz estão distribuídas em diversos sítios nas Américas datados do século XVI, entre 1500 e 1560 (Loewen; Dussubieux, 2021, p. 64), cronologicamente condizentes com os ora estudados. Deagan (1987, p. 163) também data essas contas da primeira metade do século XVI, observando seu desaparecimento em sítios posteriores.

Figura 2. Contas de vidro Nueva Cádiz tipo IIIc.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Figura 3. Contas de vidro Nueva Cádiz, tipo IIIc'.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Um segundo tipo tubular, torcido, poliédrico, de seção transversal quadrada, com diafaneidade, simples, composto por camada única azul marinho, foi recuperado no Sítio Serrano, em 2005. Sua classificação é Ic'3 (Karklins, 2012, p. 66; Kidd; Kidd, 2012, p. 46). Ela se encontrava na exposição “Entre dois mundos: franceses de Paratitou,

Tupinambá de Rouen”, no Museu Nacional (UFRJ). Apesar do impacto do incêndio de 2018, esse exemplar foi recuperado por nossa equipe durante o Projeto Resgate (Buarque *et al.*, 2020, p. 26), como ilustrado nas Figuras 4a e 4b. O calor desfez as bolhas de ar da composição original, reduzindo seu tamanho. Tipo semelhante também é encontrado nas oficinas de vidreiro de Rouen (Karklins; Bonneau, 2019, p. 5).

Figura 4. a) Conta de vidro Ic'3 escavada em 2005; b) Conta de vidro Ic'3 recuperada durante o resgate dos escombros do Museu Nacional.



Fontes: fotografias de Jeanne Cordeiro.

AS CONTAS CHEVRON

As contas Chevron, também chamadas de “estrela” ou “roseta” (Deagan, 1987, p. 164), são igualmente um excelente indicador para os sítios do século XVI, estando presentes desde o início dos Quinhentos, inclusive no Rio de Janeiro. Segundo Smith (1983, p. 148-149), essa variedade de conta teve longo período de produção e continuou a ser distribuída mesmo após a fundação de Saint Augustine, na Flórida, em 1565.

Elas têm grande variedade de tamanho, desde as pequenas, podendo alcançar em torno de 6,5 centímetros (Kidd; Kidd, 2012, p. 54). Podem ser tubulares, bicônicas ou arredondadas e são compostas por várias camadas. Do início a meados do século XVI, essas camadas oscilavam entre seis e sete, e no século XVII foram reduzidas para quatro ou cinco. A variedade mais antiga, facetada, permite a visão das camadas internas, sendo uma delas verde, como as da Figura 5. As contas Chevron pequenas, recuperadas no sítio Serrano (17), no Primeiro de Março 37 (1), no Rosário 26 (1) e no Rosário 30 (1), têm código IIIm (Kidd; Kidd, 2012, p. 54), alcançam 0,3 e 0,5 centímetros de comprimento. São facetadas, bicônicas, sem diafaneidade, de seção transversal esférica, compostas por sete camadas de cor. Esse tipo desaparece do comércio em fins do século XVI (Smith, 1977, p. 15). Ainda segundo Smith (1983, p. 148), a variedade facetada ocorreu até antes de 1600, provavelmente quando começou a ser substituída, em inícios do século XVII, pela variedade “tombada”, ou seja, contas que têm um tratamento arredondado produzido por calor, tornando-as quase esféricas, reduzindo a visão das camadas intermediárias.

Figura 5. Contas Chevron tipo IIIm.

Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Um segundo tipo de Chevron (Kidd; Kidd, 2012, p. 54) recuperado no Sítio Serrano é a IIIm1 (Figura 6), em forma de barril, com seção transversal esférica, sem diáfaneidade, composta por seis camadas de cor. Contudo, ratificando a variedade de dimensões desse tipo de conta, foi recuperado um fragmento nas escavações do sítio Rosário 30, no centro do Rio de Janeiro, classificada como IIIm (Figura 7). Facetado, bicônico por inferência, com seção transversal esférica, sem diáfaneidade, composto, com sete camadas, uma delas verde, mede 3,1 × 3,4 centímetros. Essa conta, considerada grande, ainda que fragmentada, nos permite supor que medisse originalmente entre 6,5 e 7,0 centímetros.

Os exemplares Chevron recuperados são, por todos os atributos morfológicos, compatíveis com os demais estudados para o período nas Américas, portanto produzidos e negociados durante o século XVI. Smith (1977, p. 17) cita que, por volta de 1640, tais contas já estavam praticamente ausentes nas transações comerciais. Contudo, exemplares de mesma denominação, mas com outras características, continuaram a ser produzidos e estão presentes em contextos posteriores para o comércio transatlântico.

Figura 6. Conta tipo Chevron IIIm1.

Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Figura 7. Conta do tipo Chevron IIIIm, recuperada no Rosário, 30.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

AS CONTAS EXÓTICAS (POR ENQUANTO)

Existem ainda contas de vidro sobre as quais temos poucas referências, senão a datação do sítio Serrano. Uma, representada na figura 8, é encontrada em Loewen e Dussubieux (2021, p. 67-68), assemelha-se a um exemplar recuperado no sítio Mineração, por Scatamacchia e Uchôa (1993, p. 72). Tubular, sem diáfaneidade, de seção transversal esférica, composta, com quatro camadas de cor. A externa é branca, a segunda é azul, deixando transparecer dez linhas na camada externa. A terceira é vermelha. A quarta camada torna ao branco.

Figura 8. Conta de vidro tipo IIIp.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Outra conta, representada na Figura 9, é uma IIIbb2 (Kidd; Kidd, 2012, p. 51). Também procedente do sítio Serrano, tem forma de barril, de seção transversal esférica, sem diáfaneidade, composta por uma camada de base em preto e adornada por três pares de listras vermelhas e brancas.

Figura 9. Conta de vidro tipo IIIbb2.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

No sítio Barba Couto, as quatro centenas de contas já mencionadas, mediam 0,4 centímetro de circunferência por 0,1 centímetro de espessura, no interior de uma urna funerária (*Locus 1*, sepultamento 2), não ocorrendo nenhum outro exemplar, mesmo de

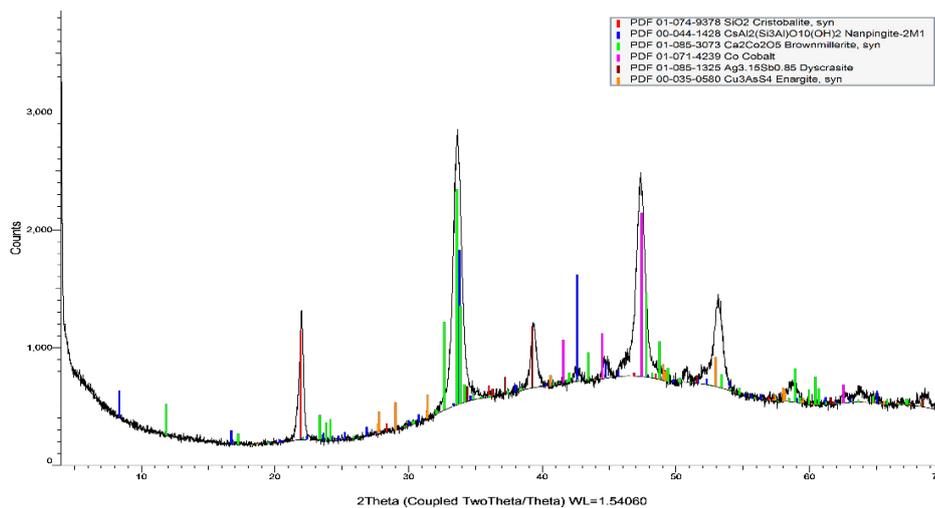
outros tipos, no restante do espaço até o momento. Essas são as únicas no conjunto de sítios estudados que ocorreram em espaço simbólico. São verdes, simples, com diafaneidade, discoidais, com seção transversal esférica (Figura 10). Por serem compostas apenas por uma camada vítrea, a DRX nos forneceu o resultado de sua composição química total, como demonstrado no difratograma da Figura 11: crisobalita, nanpingita, dyscrasita, enargita, cobalto e brownmillerita. Os dois últimos elementos são representados no gráfico pelas cores verde e lilás, respectivamente. O componente principal, a brownmillerita, ocorre na Alemanha (região da Renania-Palatinado), no Marrocos e em Israel³. Em decorrência de serem contas não cadastradas, não temos como compará-las.

Figura 10. Contas de vidro sem classificação.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Figura 11. Difratograma com composição da amostra do Sítio Barba Couto.



Fonte: Centro de Tecnologia Mineral e Inovação (MCTI).

³ Disponível em <https://www.mineralienatlas.de/lexikon/index.php/MineralData?mineral=Brownmillerite>. Acesso em 10 nov. 2023.

Ainda que Veneza tenha sido a principal produtora de contas de vidro no período entre 1450-1750, outras cidades também as produziram, como Amsterdã e Middelburg, na Holanda, Rouen, na França, e Neulautern e Walkersbach, na Alemanha (Karklins, 2023, p. 1).

Embora tenha havido diversos centros de produção, tipos específicos de contas registradas e suas variedades, procedentes do norte da França, ocorreram em sítios arqueológicos mais bem estudados do leste da América do Norte, dentro do mesmo período cronológico.

A indagação sobre a procedência pode ser averiguada de diversas formas, uma delas a partir da comparação de variáveis como morfologia e decoração, segundo Kidd e Kidd (2012) e Karklins (2012). No presente caso, isso se tornou possível a partir da coleção Thaurin, depositada no Musée des Antiquités de Rouen, Normandia, formada por exemplares coletados em escavações de oficinas vidreiras na parte antiga da cidade, no cruzamento da rua Jeanne-d'Arc com a rua Du Gros-Horloge e Hotel de Ville Ouest, rua Étopée. Foram coletados também em espaços de pesquisas situados, mas não especificados, nos arredores da cidade.

Em Karklins e Bonneau (2019), podemos encontrar diversos deles. Dois, entretanto, parecem estar entre os remanescentes recuperados no sítio Rosário 30. São contas tubulares, sem diafaneidade, de seção transversal esférica. Uma é torcida castanha com listras pretas sobre uma fina camada branca, classificada com código Kidd Ibb* (Karklins, 2012, p. 65; Karklins; Bonneau, 2019, p. 4, 6), ilustrada na Figura 12. A outra, vermelha com listras pretas, retas, classificada por Karklins (2012, p. 64) como Ib, ilustrada na Figura 13.

Figura 12. Contas de vidro código Kidd Ibb*.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Figura 13. Contas de vidro código Kidd Ib.



Fonte: fotografia de Jeanne Cordeiro.

Estamos associando esses dois últimos exemplares a uma produção francesa. O trânsito de nativos locais e *truchements* entre a atual cidade do Rio de Janeiro e a Região dos Lagos é historicamente conhecido. Ademais, o principal estabelecimento francês, na segunda metade do século XVI, a Ilha de Villegagnon, situa-se a apenas dois quilômetros de distância dos sítios Primeiro de Março 37, Rosário 26 e Rosário 30. Somam-se a isso os dois exemplares tubulares com provável procedência das oficinas vidreiras de Rouen. Essas circunstâncias permitem inferir que as contas podem ser provenientes não só do escambo de produtos tropicais entre franceses e nativos locais, mas também,

especulativamente, do espólio de batalhas. Nesses sítios se instalaram nativos aliados dos portugueses, que venceram a guerra de retomada do Rio de Janeiro, em 1565.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o conjunto de contas estudado seja cronologicamente compatível com aqueles produzidos durante o século XVI, sobretudo pela presença das inequivocamente datadas Nueva Cádiz e Chevron, ao que se somam aquelas de procedência mais bem definida.

Na falta de referências sobre o escambo de produtos tropicais com portugueses no Rio de Janeiro, somos levados a supor que, pelo menos nos sítios da Região dos Lagos, todo o trato de comercialização de contas de vidro tenha ocorrido com franceses, em sua maioria normandos e bretões.

Como uma das primeiras “moedas europeias” utilizadas nas Américas, é imprescindível a busca de melhor compreensão de sua função, valor e morfologia. As tubulares, como as Nueva Cádiz, podem ter sofrido fragmentação contemporaneamente às trocas, uma vez que seu formato de origem permite seu fracionamento sem prejuízo de seus atributos formais. Dessa maneira, os impactos pós-deposicionais podem não ter sido determinantes na produção de fragmentos de menor tamanho. Por outro lado, podem ter auxiliado na multiplicação dos exemplares disponíveis para o escambo, ampliando o poder de compra e, inclusive, viabilizando uma rede de trocas com grupos mais afastados do litoral.

Contudo, o fato de sua dispersão nos diversos sítios não estar associada a um espaço definido nos inclina a pensar que tenham se tornado itens de utilização não simbólica, exceto no caso do sítio Barba Couto, onde foram encontradas como remanescentes do acompanhamento funerário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. *Geografia histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2010.
- BUARQUE, Angela; BAUMANN, Thereza; CORDEIRO, Jeanne; Barbosa-Guimarães, Márcia. Entre dois mundos: franceses de Paratitou, Tupinambá de Rouen. *Revista da Arqueologia*, v. 33, n. 2, p. 21-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v33i2.726>.
- BUARQUE, Angela Maria Gonçalves. *Étude de l'occupation tupiguarani dans la région sud-est de l'état de Rio de Janeiro, Brésil*. Tese (Doutorado em Pré-História, Etnologia e Antropologia) – Institut d'Art et Archéologie, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris, 2009.
- CHAUNU, Pierre. *História como ciência social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- CORDEIRO, Jeanne; BUARQUE, Angela; TÁBOAS, Alice. O sítio Serrano: franceses e Tupinambá desconheciam o testamento de Adão II. *Revista de Arqueologia*, v. 32, n. 1, p. 225-238, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.722>.
- DEAGAN, Kathlen. *Artifacts of the Spanish colonies of Florida and the Caribbean, 1580-1800*. Washington (DC/EUA): Smithsonian Books, 1987. v. 1.
- DEPRATTER, Chester B.; SMITH, Marvin T. Sixteenth century European trade in the southeastern United States: evidence from the Juan Pardo expeditions (1566-1568). *Notebook*, v. 19, p. 52-61, 1987.
- GONÇALVES, Joana; GOMES Rosa Varela; GOMES, Mário Varela. Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas). In: ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES. *Arqueologia*

- em Portugal: 2020 – Estado da Questão*. Lisboa (Portugal): Citcem, 2020. p. 1815-1836. DOI: <http://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa135>.
- KARKLINS, Karlis. Chevron bead production in southwestern Germany during the early modern period. *The Bead Forum*, n. 82, p. 1-4, 2023.
- KARKLINS, Karlis; BONNEAU, Adelphine. Evidence of early 17th-Century glass beadmaking in and around Rouen, France. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, v. 31, p. 3-8, 2019.
- KARKLINS, Karlis. Guide to the description and classification of glass beads found in the Americas. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, v. 24, p. 62-90, 2012.
- KIDD, Kenneth Earl; KIDD, Martha Ann. A classification system for glass beads for the use of field archaeologists. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, v. 24 p. 45-89, 2012.
- KIDD, Kenneth Earl. Problems in glass trade bead research. *Proceedings of the 1982 Glass Trade Bead Conference*, v. 16, p. 1-4, 1983.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- LOEWEN, Brad; Dussubieux, Laure. The chemistry of Nueva Cadiz and associated beads: technology and provenience. *Beads: Journal of the Society of Bead Researchers*, v. 33, p. 64-85, 2021.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SMITH, Marvin. Chevron Trade Bead in North America. *Bead Journal*. v. 3, n. 2, p. 15-17, 1977.
- SMITH, Marvin. Chronology from glass beads: the Spanish period in the southeast, e.a.d. 1513-1670. *Proceedings of the 1982 Glass Trade Beads Conference*, v. 16, p. 147-158, 1983.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina; UCHÔA, Dorah Pinto. O conjunto euro-indígena visto através de sítios arqueológicos do estado de São Paulo. *Revista de Arqueologia*, n. 7, p. 153-173, 1993. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v7i1.100>.
- THEVET, André. *Singularidades da França antártica, a que outros chamam de América*. Brasília, DF: Senado Federal, 2018.
- UCHÔA, Dorath Pinto; SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro; GARCIA, Caio Del Rio. O sítio cerâmico do Itaguá: um sítio de contacto no litoral do Estado de São Paulo, Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 2, n. 2, p. 51-60, 1984. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v2i2.43>.